

AS NOVAS TECNOLOGIAS PARA EDUCANDOS CEGOS:UM ENSINO GEOGRÁFICO**THE NEW TECHNOLOGIES FOR BLIND STUDENTS: GEOGRAPHICAL EDUCATION**Jaqueline Machado Vieira¹Reinaldo dos Santos²**RESUMO**

Este artigo é parte da pesquisa de mestrado intitulada “Para ver os Mapas com Palavras: Audiodescrição como Recurso Pedagógico no Ensino de Geografia para a Inclusão de Pessoas com Deficiência Visual” defendida pela a autora no programa de pós-graduação em Educação da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). O objetivo do artigo é abordar a relação entre o processo de ensino-aprendizagem de geografia e os recursos de acessibilidade comunicacional das Tecnologias Assistivas em Audiodescrição (AD), a fim de promover uma inclusão educacional para as pessoas com deficiência visual (PDVs). A metodologia do trabalho consiste em uma abordagem teórica, como parte da pesquisa tradicional, e a pesquisa experimental, que tem como características a criação de um objeto, que em nosso caso é um material didático que visa a Educação Inclusiva de PDVs por meio das Tecnologias de Inclusão e Comunicação (TICs). Trazemos para o artigo as etapas da construção desse material didático com acessibilidade em Audiodescrição. Ao falarmos das Tecnologias Assistivas em AD, vemos que ela tem por finalidade transformar informação visual em informação sonora e, portanto, iremos debater as possibilidades de como os professores podem trabalhar lá com seus educandos com deficiência visual em sala de aula utilizando imagens que possam ser transformadas em palavras tanto por professores, como por educandos. Entendemos que esta pesquisa, contribui no desenvolvimento de novas práticas educacionais pautadas em metodologias de ensino-aprendizagem de geografia com os recursos tecnológicos em AD para as pessoas com deficiência visual.

Palavras-chaves: Tecnologias em Audiodescrição; Material Didático; Deficiência Visual.

ABSTRACT

This article is part of the master's research entitled "To view the maps with words: audiodescription as a pedagogical resource in the teaching of geography for the inclusion of people with visual impairment" defended by the author in the postgraduate program in Education of the University Federal of Grande Dourados (UFGD). The purpose of this article is to discuss the relationship between the teaching-learning process of geography and the communicational accessibility features

¹ Licenciada e Bacharela em Geografia (FCT-UNESP) e Mestra em Educação pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Instituição financiadora: Capes. E-mail: jakquet@hotmail.com.

² Doutor em Sociologia Política. Docente nos curso de Pedagogia e no Programa de Pós- Graduação em Educação na Faculdade de Educação (FAED) da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). E-mail: doerei@gmail.com.

of Assistive Technologies in Audiodescription (AD) in order to promote educational inclusion for the visually impaired (PDVs). The methodology of the work consists of a theoretical approach, as part of the traditional research, and experimental research, which has as its characteristics the creation of an object, which in our case is a didactic material that aims at Inclusive Education of POS through Technologies Inclusion and Communication (ICT). We bring to the article the stages of the construction of this didactic material with accessibility in audio description. When we talk about Assistive Technologies in AD, we see that it aims to transform visual information into sound information and, therefore, we will debate the possibilities of how teachers can work with their students with visual impairment in the classroom using images that can be transformed into words by both teachers and learners. We understand that this research contributes to the development of new educational practices based on teaching-learning methodologies of geography with the technological resources in AD for the visually impaired.

Keywords: Technologies in Audiodescription Deficiency, Didactic Material and Visual.

INTRODUÇÃO

Diante das perspectivas que visam a inclusão de pessoas com deficiência visual no ambiente escolar, trazemos para este artigo, breves contribuições teóricas ligado a Educação Inclusiva e as tecnologias em Audiodescrição, mas sobretudo, nossa principal objetividade neste artigo foi de trazer os desafios e as contribuições nas metodologias de ensino de geografia para os professores trabalharem com seus educandos em sala de aula.

Grande parcela dos Docentes de licenciatura, não tiveram em seus currículos, disciplinas que abarcassem o discurso da Inclusão e das Deficiências e pensando nesse cenário é que trouxemos um recorte passo a passo da construção de um Protótipo que auxilia os professores e educandos com deficiência visual, a trabalharem imagens, em nosso caso, utilizamos a imagem do mapa do Estado do Mato Grosso do Sul em sala de aula, através do recurso com acessibilidade em Audiodescrição.

Atualmente vivemos a “era da informação” (Valente, 1999) e as tecnologias promovem alternativas que nos auxiliam aprimorar as práticas de ensino visando a educação inclusiva por meio de estratégias, pedagógicas que respeite, valorize e promova as potencialidades de cada estudante.

O uso de recursos tecnológicos evoluiu, com o passar do tempo, e se apresentam como uma possibilidade a ser estudado na educação. Pois os recursos disponibilizados pelo computador, como a Internet, os Objetos de Aprendizagem (OA) e o próprio funcionamento do computador auxiliam no ensino. Como afirma Schlünzen (2011),

[...] o computador é uma ferramenta que poderá ser usada como instrumento para facilitar a construção do conhecimento do aluno e principalmente para os portadores de necessidades especiais físicas, seja na pesquisa de informações e na elaboração dos conceitos. (SCHLÜNZEN, 2011, p. 73)

Assim as tecnologias, principalmente as Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC) são todos aqueles recursos digitais que conectam, informam e organizam as informações e comunicação dos seres humanos. E na Educação diante a práticas inclusivas, têm auxiliado no desenvolvimento da aprendizagem dos Estudantes Público Alvo da Educação Especial (EPAEE) e também de estudantes com Deficiência Visual, que é nosso sujeito de estudo nessa pesquisa.

Sendo assim, a inclusão aliada às tecnologias, podem proporcionar grandes benefícios na aprendizagem, pois estas tecnologias se tornam ferramentas facilitadoras na construção do conhecimento e no próprio processo de inclusão, tanto digital, quanto social. (MANTOVANI; MARTINS, 2011, p. 5.)

As tecnologias vêm ganhando espaço, não somente nas escolas, mas também, em espaços culturais e sociais, por isso, é de suma importância sua utilização para a comunidade cega.

As novas Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) estão integrando o mundo em redes globais de instrumentalidades. A comunicação mediada por computadores em rede gera uma gama enorme de comunidades virtuais. (CASTELLS - 1999, p.38-39).

Desse modo, trouxemos parte dos resultados de uma pesquisa maior que vem sendo trabalhada pelo grupo de Pesquisa em Educação e Tecnologias da Informação e Comunicação - GEPETIC que fica localizado na Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD).

Ressaltamos a importância que se tem do ensino-aprendizagem da geografia em sala de aula, pois é a partir desse tema que poderemos abordar os elementos geográficos de representação, como a localização, orientação e com o uso da Audiodescrição, fazemos a transformação de imagens em palavras, para todos educandos com Deficiência Visual, inseridos na sala de aula.

Nesse sentido, fica sob a responsabilidade do professor de geografia elaborar atividades em sala de aula que estimule seus educandos a se orientar, fazer projeção de simbologias do local onde ele está inserido, pois com nossa construção do Protótipo, alcançamos o desafio que foi a construção de um material didático que auxilie nas metodologias de ensino todos os professores que encontrem em sala de aula, educandos com Deficiência Visual.

A Educação Inclusiva

A década de 1990, foi marcada por eventos mundialmente significativos para a área da Educação Especial (EE), foi nessa década que emergiu os discursos a favor da inclusão escolar. Em

1990, ocorreu a Conferência Mundial sobre Educação para Todos: satisfação das necessidades básicas de aprendizagem, realizada pelo Banco Mundial, Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) e Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), onde foi aprovada a Declaração Mundial sobre Educação para Todos, na cidade de Jomtien, Tailândia, que buscou garantir a todos, o direito de acesso e permanência à educação básica, independentemente de ter ou não alguma limitação (MENDES, 2006). No ano de 1994, o destaque foi a Conferência Mundial sobre Necessidades Educacionais Especiais: acesso e qualidade, promovida pelo governo da Espanha e pela UNESCO, produziu o marco mais importante da filosofia da educação inclusiva, a Declaração de Salamanca, que pregou que as escolas regulares deveriam ter uma pedagogia focada na criança, que atendesse as necessidades de todos os alunos, inclusive as pessoas com necessidades educativas especiais (ARAÚJO et al. 2010).

Com a aprovação da declaração de Salamanca, a inclusão escolar começou a ser discutida com mais ênfase em todo o mundo, e inclusive no Brasil. Atualmente no Brasil, a inclusão escolar do aluno Público Alvo da Educação Especial (PAEE) é assegurada pela Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (2008), e um direito previsto na Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência - LBI (Lei 13.146/15, art. 27).

A Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (BRASIL, 2015) visa garantir aos alunos com deficiência acesso e recursos disponíveis na escola regular, que contribuam com a sua formação social e acadêmica.

O propósito da inclusão escolar é que todas as pessoas, independentemente de terem deficiência ou não, tenham oportunidades educacionais iguais, tendo acesso a um ensino de qualidade, que atenda a diversidade cultural e as trajetórias individuais de aprendizagem de cada aluno, proporcionando possibilidades de uma convivência futura produtiva e autônoma em sociedade (COTA, 2016).

Conforme Glat, Pletsch e Fontes (2007) pensar uma escola inclusiva, é pensar em uma escola onde todos tenham oportunidade de acesso e permanência, e que possibilite que mecanismos de exclusão sejam substituídos por procedimentos de ensino, removendo barreiras de aprendizagem. Cardoso (2004) argumenta que o processo inclusivo envolve a construção de uma escola diferente, pelo fato dessa se caracterizar como uma verdadeira revolução educacional, baseada em uma escola aberta, solidária, democrática e eficiente.

Na perspectiva da escola inclusiva, um desafio a considerar é a formação do professor, segundo Rodrigues e Capellini (2012), muitos profissionais que exercem a docência hoje, não tiveram

contato com conteúdo acadêmicos e práticos no decorrer de suas formações que abordassem a inclusão escolar. Ainda conforme os autores, há uma necessidade de educação continuada dos docentes sobre o tema, ação que se caracteriza como uma prática que os leva a reflexão de seu modo de atuar, e os coloca em condição de aprendizes do processo de mudanças para a inclusão escolar.

Sant'ana (2005) ressalta a necessidade de que os docentes sejam orientados sobre o tema, onde ocorra uma orientação teórico-prático, possibilitando a eles modificar suas práticas e métodos de ensino. Desse modo proporcionando um ensino de qualidade, não somente ao aluno com deficiência, mas sim a todos os alunos inseridos em sala de aula.

Anjos, Andrade e Pereira (2009, p.122) analisaram o discurso dos professores de sala comum sobre a inclusão, elas buscaram identificar os sentimentos desses em relação a sua produtividade profissional e o que sentem ao lidarem com a inclusão escolar, ressaltaram:

Entre esses sentimentos, destacam-se: o choque sentido pelos professores no início do trabalho com alunos deficientes, que faz com que ele perceba um vazio na sua formação, a falta de um treinamento e o fato de que esses novos sujeitos que estão na sala de aula exigem novas capacidades e novos modos de pensar; a certeza de que estão improvisando, que pode levar a descobrir novos fazeres e saberes, não necessariamente subordinados ao “fazer correto”; as dificuldades encontradas pelo professor, as quais podem ajudar a acordar de um fazer pedagógico que, por ter-se tornado automático, se tornou “fácil”.

A falta de formação específica na área da inclusão, resulta na sensação que os professores possuem incapacidade profissional em lidar com crianças com deficiência. De acordo com os mesmos autores, essa sensação de incapacidade demonstra a necessidade de Programas de formação que contemplem conteúdos acerca da inclusão, que sejam pensados como fator de potencialização das capacidades desses profissionais.

As Tecnologias em Audiodescrição

A tecnologia tem, por princípio, o auxílio da resolução problemas das necessidades humanas para o envolvimento de produtos e processos destinados às diversas atividades humanas, envolvendo o estudo, diagnóstico e operacionalização que atenda a demanda de tempo, (redução do esforço humano) qualidade, esforço e custo menor. Os avanços tecnológicos influenciam as várias dimensões da vida em sociedade: meio ambiente, política, economia, cultura, educação etc. Eles são grandes facilitadores na vida de milhares pessoas auxiliando em vários aspectos da vida. (NASCIMENTO; SANTOS, 2016).

A Audiodescrição (AD) consiste na “transformação de imagens em palavras” para que informações-chave transmitidas visualmente não passem despercebidas e possam também ser acessadas por PDV total, parcial ou com baixa visão. Dizemos que a AD é um recurso tecnológico, tendo em vista sua utilização tanto para que se possa descrever/narrar, diretamente e em tempo real, os fatos para quem não enxerga, quanto para planejar, gravar, editar e disponibilizar objetos comunicacionais em áudio. Este recurso tecnológico tem o objetivo de tornar os mais variados tipos de materiais audiovisuais (peças de teatro, filmes, programas de TV, espetáculos de dança, fotografias etc.) acessíveis as PDV. (FRANCO; SILVA, 2010).

Sua origem se deu em meados da década de 1970 nos Estados Unidos a partir dos ideais desenvolvidos por Gregory Frazier, em sua dissertação de mestrado. No entanto, as primeiras discussões no Brasil estão no livro publicado em 2010 denominado: *Audiodescrição: Transformando imagens em palavras*, que nos apresenta uma coletânea de artigos ligados a Audiodescrição. Optamos por mencioná-lo, devido a sua originalidade no Brasil. Sendo assim, os primeiros a apresentar a técnica da AD foram: Margaret Rockwell, que tinha DV e seu companheiro Cody Pfanstiehl (PINOTTI, 2014).

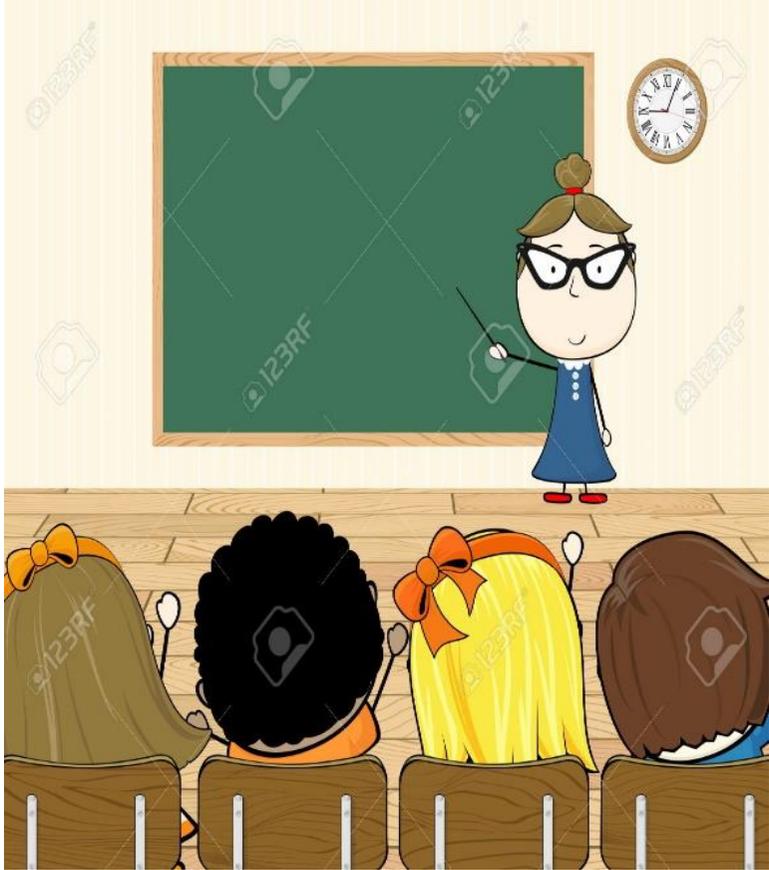
[...] foram responsáveis pela **audiodescrição** de Major Barbara, peça exibida no Arena Stage Theater em Washington DC em 1981. Na época, o Arena Stage Theater havia recebido recursos públicos para tornar suas produções mais acessíveis e Margaret Rockwell foi contatada para ajudar nessa empreitada. Ela, por sua vez, buscou o auxílio de Cody Pfanstiehl e o casal, então, passou a audiodescrever as produções teatrais. Eles também foram responsáveis pelas primeiras audiodescrições em fita cassete usadas em visitas a museus, parques e monumentos nos EUA, além de contribuir de maneira significativa para levar a AD à televisão. Em 1982, eles audiodescreveram a série de TV Americana *Playhouse*, transmitida pela *Public Broadcasting Service* (PBS). Enquanto o programa era exibido, a audiodescrição era transmitida simultaneamente via rádio. (FRANCO; SILVA apud PINOTTI, 2014, p. 32).

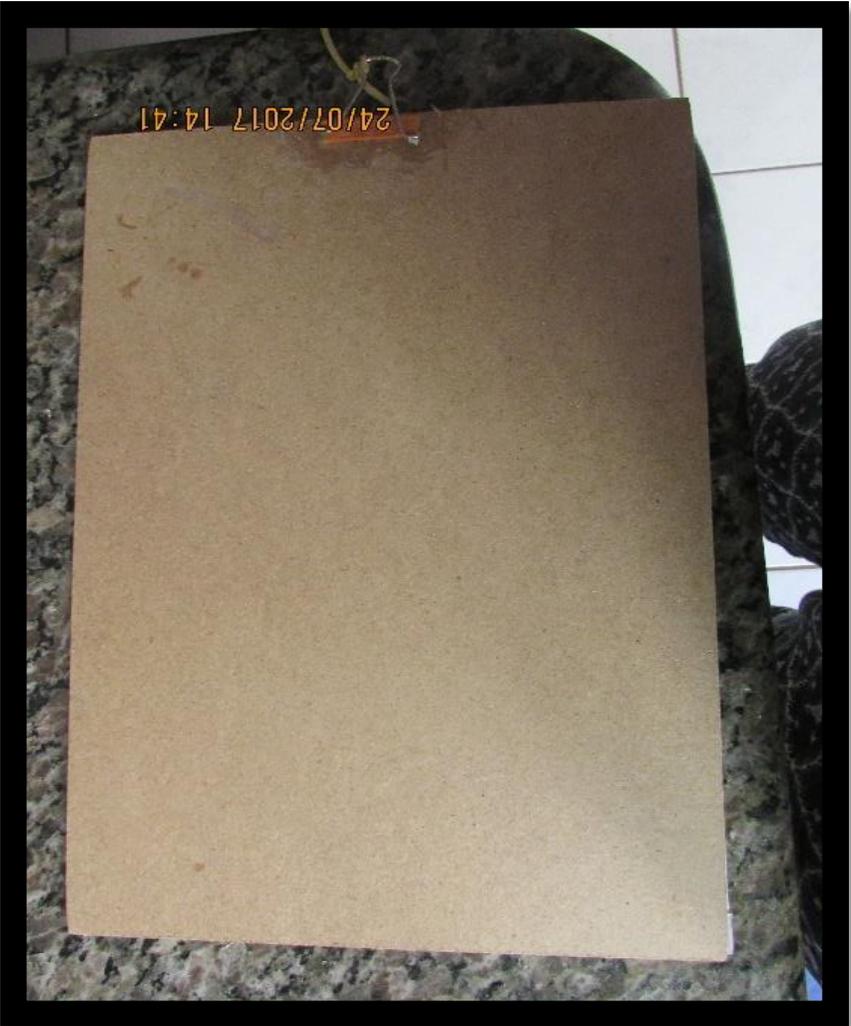
Compreendemos a Audiodescrição, como uma ferramenta tecnológica educacional, social e cultural relevante no papel de transformar as imagens em palavras, podendo ser essa técnica capaz de dar autonomia as PDV e aos videntes e trazer mudanças facilitadoras na comunicação entre docentes e discentes em sala de aula. Ao falarmos, portanto, em AD como ferramenta escolar, iremos refletir de que maneira podemos fazer o uso desse recurso tecnológico social e educacional para todos educandos em sala de aula.

METODOLOGIA E RESULTADOS

Ao se analisar e partilhar essa experiência de criação desse protótipo/material didático relacionado às TICs espera-se que outros educadores possam aprender com nossos avanços e limites, que relataremos o passo a passo, de sua construção. Permitindo aprofundar a reflexão sobre o uso dessa nova ferramenta no ambiente escolar, capaz de proporcionar aos Estudantes com Deficiência Visual (EDV) e Estudantes Videntes (EV), de uma maneira construtiva e interativa, o entendimento do conteúdo de representação cartográfica. Vejamos o quadro 1 detalhado da construção a seguir:

Quadro1– As fases detalhadas da construção do Protótipo: Materiais e Processos de Desenvolvimento

FASES	MATERIAIS UTILIZADOS	PROCESSO DE ELABORAÇÃO	FOTOGRAFIA
<p>1º Etapa: Planejamento A quem se destina? O que elaborar? Como elaborar?</p>		<p>A confecção exige uma organização, prévia, identificando o público alvo a que se pretende trabalhar e sempre prevendo o menor custo benefício para professores e estudantes.</p>	

<p>2º Etapa</p> <p>O que vamos utilizar?</p> <p>Quais materiais no geral?</p> <p>Cores dos materiais?</p>	<p>3 Madeira no tamanho de (35,5cm X 25,5cm);</p> <p>1 madeira no tamanho de (29,5cm X 21cm);</p> <p>Cola de silicone;</p> <p>Palitos;</p> <p>Papel EVA;</p> <p>Tesoura;</p> <p>Papel Transparência;</p> <p>Caneta hidrográfica preta;</p> <p>Números em braile e em papel sulfite do 1 ao 9</p> <p>Régua</p> <p>Elástico</p>	<p>Na seleção da madeira, papel EVA, é preciso cuidado para não interferir na qualidade da “Transparência”. Pois ela é base para AD, sendo ela desenhada com 09 quadrantes, para identificação das áreas audiodescritas.</p>	
---	---	---	--

<p>3º Etapa Seleção do Tamanho dá área do Protótipo escolhido.</p>	<p>Madeira (seu tamanho tem que ser um pouco maior que a folha sulfite A4), facilitando o carregamento e deslocamento desse material para professores.</p>	<p>Cortar em tamanho de um quadro para fotografia, com medidas (35,5cm X 25,5cm) e deixar a parte lateral direita com uma abertura para a entrada das folhas de sulfites com imagens para AD.</p>	
--	--	---	--

<p>4º Etapa Escolha dos números arábicos e em Braile do 01 ao 09 para ser colado ao redor da madeira para identificação e acessibilidade dos quadrantes aos usuários com Deficiência Visual</p>	<p>Fita durex; Cola de silicone; Papel sulfite em braile; Tesoura;</p>	<p>É fundamental a escrita em braile e deve posteriormente ser encaminhada para um revisor com DV para testar se ela está com um formato bom garantindo a acessibilidade do produto.</p>
--	---	--



<p>5º Etapa Confecção da folha transparência na medida 30cm X 20cm e o desenhos dos 09 quadrantes, adotando as seguintes medidas (em cm) de cada quadrante.</p>	<p>Transparência; Caneta hidrográfica preta; Régua;</p>	<p>É importante fazer o desenho dos quadrantes com tamanhos em centímetros iguais, respeitando suas medidas a fim de facilitar a identificação das áreas 01 ao 09 a serem audiodescritas (mapa) posteriormente.</p>	
--	---	---	--

<p>6º Etapa</p> <p>Confecção de uma Tábua em madeira com um clips (29,5cm X 21 cm) para sustentação das folhas (imagens) a serem audiodescritas (mapa).</p>	<p>Madeira; Clips borboleta; Cola de silicone; Palito de dente; Barbante.</p>	<p>Cortar a tabua na medida 29,5 X 21cm; para sustentação das folhas (mapas). Foi escolhido esse tamanho porque facilita para os professores trabalharem com o formato A4, além de ajudar no deslocamento em sala de aula com o material. Depois colar um gancho em formato de clips para facilitar a entrada e saída da madeira de dentro do protótipo.</p>	
---	---	--	--

<p>7 – Etapa Construção e Colagem da Transparência já com os quadrante em laranja, indicando a divisão dos quadrantes em plástico sobre o Protótipo e setas em EVA.</p>	<p>Cola silicone; Folha transparência; Caneta hidrográfica; Palitos; Tinta guache laranja; EVA.</p>	<p>Os quadrantes irão identificar as áreas do 01 ao 09 facilitando a AD em partes das figuras que serão acopladas pela base em madeira.</p>
--	---	---



Verificamos no quadro 1, o detalhamento da construção passo a passo desse Protótipo. Primeiramente, foi criado um protótipo analógico que serviu como base para os professores trabalharem em sala de aula. Este Protótipo analógico pode conter dentro do seu interior diversas imagens, em nosso caso resolvemos trabalhar a imagem do mapa do Estado de Mato Grosso do Sul, destacando suas cinco principais cidades e nele acrescentamos uma Audiodescrição detalhada e textual. Ainda nesta fase, agregamos a utilidade de se reler os materiais de estudos da geografia para que os professores relembrem passos importantes da cartografia, que envolve como elementos fundamentais, a proporção, escala, localização e orientação. Veja a seguir na Figura 1- Elaborado pela autora 2017 (acervo da pesquisa), a imagem do Protótipo³ escolhida pela autora para se trabalhar em sala de aula.

Figura 1: Material didático feito pela autora.

³ Mais informações, sobre o protótipo, procure pela obra da autora, VIEIRA, Jaqueline Machado. **Para ver os Mapas com Palavras: Audiodescrição como Recurso Pedagógico no Ensino de Geografia para a Inclusão de Pessoas com Deficiência Visual.** 200 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, MS, 2018.



Fonte: Autora (2017).

Pudemos trabalhar a representação cartográfica e entender como uso dessa linguagem é favorável para o ensino de geografia e para a acessibilidade das pessoas com deficiência visual. A representação espacial dos mapas dentro do ensino de geografia é uma forma de ajudar o professor a organizar o conhecimento ensinado e o estudante a organizar suas ideias e os conceitos aprendidos nas aulas. As representações cartográficas desempenham papel chave para representar a estrutura do conhecimento aos alunos em qualquer situação, um conhecimento que articula ação, sentimento e pensamento consciente, é favorável e importante para professores e educandos dentro de uma sala de aula.

Vivemos bombardeados por um grande volume de informações, sobretudo pela mídia, elas influenciam nossa percepção de espaço e tempo e nossa visão de mundo. Elas modificam nossa

relação com o real. Todo esse movimento da realidade influencia diretamente na dinâmica da escola e nos processos pedagógicos em sala de aula, fazendo com que os professores de geografia sempre estejam modificando suas linguagens e, nesse caso, com a ajuda das tecnologias e suas metodologias de ensino-aprendizagem (CASTELLAR; VILHENA, 2011).

Ressaltamos a importância que se tem do ensino-aprendizagem da cartografia em sala de aula, pois é a partir desse tema que poderemos abordar os elementos geográficos de representação, como a localização. Nesse sentido, fica sob a responsabilidade do professor de geografia elaborar atividades em sala de aula que estimule seus educandos a se orientar, fazer projeção de simbologias do local onde ele está inserido, ou até mesmo de objetos que o cercam, além da leitura geográfica dos mapas em geral, para que possamos contextualizar espacialmente nossas análises (ALMEIDA, 2011).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Trouxemos, portanto, uma reflexão necessária para o campo educacional que discute a importância da Educação Inclusiva para o ambiente escolar e as dificuldades encontradas pelos professores por conta da sua formação que, no geral, carece de informações e conhecimento sobre a questão da inclusão por parte das pessoas com deficiência.

Quanto aos procedimentos metodológicos, trouxemos a construção e o desafio que foi a elaboração de uma pesquisa experimental. O objetivo principal deste trabalho foi trazer a análise passo a passo sobre a nossa criação de um Protótipo manual que contribua na inclusão das pessoas com deficiência em sala de aula, ou seja, que forneça novas metodologias de ensino para os professores expandirem o conhecimento em sala de aula.

Essa construção tecnológica e manual, é essencial para atualidade, pois dará desenvoltura tecnológica, tanto aos profissionais educadores da geografia quanto de outras áreas, que carecem da utilização das novas tecnologias digitais e sociais no cotidiano escolar e podendo ser expandida a outras áreas do conhecimento e a sociedade em geral.

Concluimos, portanto, que o objetivo principal de nossa pesquisa foi o de construir uma metodologia de ensino-aprendizagem alternativa e interativa para que educadores possam trabalhar em sala de aula por meio desse Protótipo. A importância se justifica pelo fato de que os educadores carecem da utilização das tecnologias e de materiais didáticos no cotidiano escolar, logo, com esta proposta poderemos auxiliar, ampliar, inovar e qualificar a autonomia na comunicação e o acesso à informação por parte das PDV.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Rosângela Doin de. (Orgs.). **Novos rumos da Cartografia escolar: currículos, linguagem e tecnologia**, São Paulo: Contexto, 2011. p. 91-147.

ANJOS, H. P.; ANDRADE, E. P.; PEREIRA, M. R. A inclusão escolar do ponto de vista dos professores: o processo de constituição de um discurso. **Rev. bras. educ. espec**, v.14, n.40, p.116-129, 2009.

ARAÚJO, M. V. *et al.* Formação de professores e inclusão escolar de pessoas com deficiência: análise de resumos de artigos na base SciELO. **Rev. Psicopedagogia**, 27(84), p. 405-16,2010.

BRASIL. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. **Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência)**. Brasília, 2015.

BRASIL. **Política nacional de educação especial na perspectiva da educação inclusiva (2008)**. Brasília, DF: MEC/SEESP, 2008.

CARDOSO, M. S. Aspectos históricos da Educação Especial: da exclusão à inclusão- uma longa caminhada. In: STOBÄUS, C. D; MOSQUEIRA, J. J. M. (Orgs). **Educação Especial: em direção à educação inclusiva**. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS. 2004. p. 15-26.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. 10. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTELLAR, Sônia; VILHENA, Jerusa. **Ensino de Geografia**. São Paulo: Cengage Learning, 2011. (Coleção ideias em ação).

COTA, F. S. **Inclusão de alunos com deficiência intelectual: Articulações necessárias**. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

FRANCO, Eliana Paes Cardoso; SILVA, Emanuela Cristina Correa Carvalho da. Audiodescrição: breve passeio histórico. In: MOTTA, Livia Maria Villela de Mello, FILHO, Paulo Romeu (Orgs.). **Audiodescrição: transformando imagens em palavras**. São Paulo: Secretaria dos Direitos da Pessoa com Deficiência do Estado de São Paulo, 2010. p. 23-42.

GLAT, R; PLETSCHE, M. D; FONTES, R. S. Educação inclusiva & educação especial: propostas que se complementam no contexto da escola aberta à diversidade. **Educação Santa Maria**, v. 32, n. 2, p. 343-356, 2007.

GOMES, C.; BARBOSA, A.J.G. A inclusão escolar do portador de paralisia cerebral: atitudes de professores do ensino fundamental. **Rev. Bras. Ed. Esp.**, Marília, v.12, n.1, p.85-100, 2006.

MANTOVANI, Ana Margô, MARTINS, Cristina. Práticas de Ensino com o uso das Tecnologias Digitais Virtuais na Educação Especial: Novos Caminhos para a Inclusão de PNEES. **Revista Digital da CVA**, ricesu, v. 07, n. 25, fev. 2011. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Secretaria de Educação a Distância.

MENDES, E.G. A radicalização do debate sobre inclusão escolar no Brasil. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v.11, n.33, set./dez. 2006.

NASCIMENTO, Grazielly Vilhalva Silva do; SANTOS, Reinaldo dos. **Educação, inclusão e Tic's: legendas e janela de libras como recurso para inclusão da pessoa surda**, São Leopoldo: OIKOS, 2016.

PINOTTI, José Luiz. **Comunicação e Audiodescrição: estudos contemporâneos**. (Mestrado em Comunicação e Cultura) - Universidade de Sorocaba, Sorocaba - SP, 2014.

RODRIGUES, L. M. B. C.; CAPELLINI, V. L. M. F. Educação a Distância e Formação Continuada do Professor. **Rev. Bras. Ed. Esp., Marília**, v. 18, n. 4, p. 615-628, Out.-Dez. 2012.

SANT'Ana, I. M. Educação Inclusiva: Concepções de Professores e Diretores. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 10, n. 2, p. 227-234, mai./ago. 2005.

SCHLUNZEN, Júnior Klaus; HERNANDES, Renata Benisterra. **As dimensões do não ver: formação continuada de educadores e a profissionalização das pessoas com deficiência Visual**. São Paulo: UNESP, 2011.p. 140.

VIEIRA, Jaqueline Machado. **Para ver os Mapas com Palavras: Audiodescrição como Recurso Pedagógico no Ensino de Geografia para a Inclusão de Pessoas com Deficiência Visual**. 200 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, MS, 2018.